

# TRÊS HOMENS E UMA CIDADE: ITINERÁRIOS DESEJANTES NO RECIFE-PE

## THREE MEN AND ONE CITY: DESIRED ITINERARY IN RECIFE-PE

CAVALCANTE NETO, EUCLIDES ROCHA<sup>1</sup>; ARAÚJO, FLÁVIA DE SOUSA<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Mestrando em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco; euclides.rocha@ufpe.br.

<sup>2</sup>Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; flavia.araujo@fau.ufal.br.

### RESUMO

Para se pensar a construção de espaços urbanos que respeitem a multiplicidade de pessoas que o ocupem e que, portanto, possam ser legitimados pela comunidade LGBTQIA+, proponho neste artigo o exercício de apreensão da cidade a partir das narrativas de sexualidades dissidentes. O objetivo é discutir, a partir da tríade corpo, memória e desejo, as possibilidades de apreensão da produção das espacialidades urbanas dissidentes da cidade do Recife-PE. Para isso, concomitante às minhas apreensões da cidade, são apresentadas também duas literaturas homoeróticas que têm como cenário a vivência sexualmente dissidente de homens por alguns bairros do Recife. É dessa experiência dos três interlocutores que a cartografia dos desejos homoafetivos aqui produzida toma forma e sentido. Paradoxalmente, a marginalidade ao qual muitos desses espaços são relegados, aqui são colocados em evidência e valorizados enquanto lugares de pertencimento e como parte da memória da cidade. Os corpos em trânsito e o desejo, formadores de espacialidades, completam o itinerário e deixam suas marcas na cartografia. Dentro do recorte temporal dos três interlocutores (1960-2022), encontram-se mais permanências do que transitoriedades nas dinâmicas dissidentes na cidade do Recife. Por fim, a produção cartográfica indica lugares no imaginário da cidade, sendo este um importante recurso de reconhecimento e apropriação, de forma a possibilitar uma outra forma de ver a cidade que não seja na reprodução da norma hegemônica vigente.

### ABSTRACT

*To contemplate the construction of urban spaces that respect the multiplicity of people that uses and, therefore, can be legitimized by the LGBT+ community, this article proposes an exercise in understanding the city through narratives of dissident sexualities. The objective is to discuss, based on the triad of body, memory, and desire, the possibilities of grasping the production of dissident urban spatialities in the city of Recife-PE. To achieve this, alongside my observations of the city, two homoerotic literatures that depict the sexually dissident experiences of men in certain neighborhoods of Recife are also presented. It is from the experiences of these three interlocutors that the cartography of homoaffectionate desires takes shape and meaning. Paradoxically, the marginality to which many of these spaces are relegated is highlighted and valued here as places of belonging and as part of the city's memory. The bodies in transit and desire, formative elements of spatialities, complete the itinerary and leave their marks on the cartography. Within the temporal scope of the three interlocutors (1960-2022), there are more continuities than transitoriness in the dissident dynamics of Recife. Ultimately, the cartographic production points to places in the city's imaginary, representing an important resource for recognition and appropriation, enabling a different way of seeing the city beyond the reproduction of the prevailing hegemonic norm.*

**Palavras-chave:** cartografia; corpo; memória; desejo; homoafetividade.

**Key-words:** cartography; bodies; memory; desire; homoaffectivity.

Recebido em: 30/07/2023

Aceito em: 30/10/2023

REVISTA ÍMPETO | ISSN: 1983-6171 | MACEIÓ | Nº 13 V. 2 | DEZ. 2023 | p. 66-86

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup>CAVALCANTE NETO, Euclides Rocha. **Itinerários desejantes**: cartografando dissidências no Recife-PE. 2022. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

<sup>2</sup>O crítico literário norte americano Michael Warner cunha o termo heteronormatividade em 1981. O historiador Fernando José Benetti (2013, p. 21) explica-o como sendo a “organização social, relacional e psicológica que parte do princípio de que todos são ou deveriam ser “heterossexuais”. O termo “cis”, acrescido ao conceito, refere-se à cisgeneridade (que é a condição da pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento), também posto como norma hegemônica.

Neste artigo, fruto do meu Trabalho Final de Graduação (TFG)<sup>1</sup>, pretendo discutir as inter-relações estabelecidas entre a tríade *corpo, desejo e memória*. O interesse maior recai sobre os modos como podemos ler essas categorias no espaço urbano e refletir como as forças políticas (cis-hetero)normativas<sup>2</sup> atravessam as dissidências sexuais, no contexto de reformulação das estratégias de como se pensar as cidades.

Trago inicialmente o termo “dissidente” para designar quem escapa da “matriz [cis]heterossexual”, ideia conceituada pela filósofa estadunidense Judith Butler, sendo uma “[...] grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (Butler, 2003, p. 216). É uma matriz excludente que visa tornar “abjetos” todos os corpos que não se encaixariam na suposta naturalidade da correspondência entre corpo biológico, sexo e orientação sexual, correspondência essa que seria uma “ficção” da qual os corpos não encaixados se tornam dissidentes (Teixeira, 2013, p. 2).

A cidade é um território em constante trânsito: caminha-se pela cidade, esbarra-se nas pessoas, ruas, praças, cais e pontes. É infinitamente emaranhada em anseios e desejos; complexa e carregada de concepções e (des)construções de lugares, físicos ou simbólicos. Existem *corpos estranhos* que frequentam, assentam e imantam os espaços. Por *corpo (estranho)*, trago algumas impressões das arquitetas e urbanistas Rossana Tavares e Mariana Bonadio (2021), que apontam que:

[A]final, aquilo que é considerado estranho em um determinado espaço é construído socialmente como tal pelas formas normativas que enquadram nossas relações sociais e performáticas. Nesse sentido, haveria, de modo diferencial, orientações performativas de corpos que estranham o espaço urbano. Ainda que as materialidades generificadas, sexualizadas e racializadas dos corpos possam deslizar rapidamente para uma desorientação social, subjugando e expondo alguns corpos (mais do que outros) à discriminação e violência, é o próprio estranhamento da presença que conforma uma espacialização instável de resistência e questiona a normatividade de exclusão que enquadra o vivível no espaço (Tavares; Bonadio, 2021, p. 14-15).

A *memória* é um importante dispositivo de análise da representação do/no espaço, principalmente quando nos referimos aos grupos socialmente postos à margem, discriminação e violência. A rememoração e valorização dos corpos e outras formas de representação dissi-



dentos no Recife, que deixa(ra)m suas marcas, serão postos em destaque a fim de “recriar a memória dos que [nunca tiveram] não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos” (Paoli, 1992, p. 2).

Para dar conta das memórias dos espaços, as narrativas urbanas dissidentes serão o fio condutor e o disparador dos desejos na investigação do território recifense. Fechando a tríade das categorias de análise, aponto o *desejo* como sendo “[...] todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outras percepções de mundo, outros sistemas de valores” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 215-216).

Para realizar a apreensão cartográfica dos desejos homoafetivos recifenses, recorri a obra do escritor argentino Tulio Carella e seu narrador-personagem Lúcio Ginarte em *Orgia: os diários de Tulio Carella - Recife 1960* (2011) e do personagem Diógenes, na obra *Três rapazes e um quarto* (2021) do recifense Bui da Silva. Cheguei em tais autores a partir da investigação por obras que retrataram, na literatura, vivências homoafetivas na cidade do Recife. A escassez de mais obras evidencia que a produção literária do Recife ainda pouco explora leituras socioespaciais que sejam instituídas pela comunidade LGBTQIA+<sup>3</sup>.

Temporalmente Carella/Lúcio (2011) já desvelara como era o universo homoafetivo das ruas do Recife no início da década de 1960. Posteriormente, Silva/Diógenes (2021) atravessou e foi atravessado pela cidade no início da década de 2010. Tendo experienciado minha sexualidade mais intensamente na mesma cidade a partir de 2015, procurei aglutinar as três experiências e criar um imaginário intercambiado entre os dois autores e eu, através de uma cartografia.

Discutir então a produção das espacialidades a partir da tríade corpo, memória e desejo tem por objetivo dar visibilidade às diferentes formas de ocupar e experienciar a cidade. Em caminhos considerados *desviados*, o itinerário dos desejos percorrerá os “bairros centrais” da cidade: Boa Vista, Soledade, Santo Amaro, São José, Santo Antônio e o bairro do Recife (conhecido como “Recife Antigo”). O meio escolhido para apresentar a cartografia que compõem esses caminhos foi a plataforma *online Miro*, que pode ser acessada pelo link a seguir: <https://bit.ly/cartografiadesejos><sup>4</sup>. Sugere-se a leitura dos *caminhos metodológicos* antes de acompanhar a cartografia pela plataforma. Além disso, a construção teórica deste artigo complementa o que é exposto na cartografia, ainda que de forma adaptada em relação ao conteúdo completo da monografia. De toda forma, a maneira de acompanhamento da cartografia e do presente texto fica à critério da pessoa que está lendo.

<sup>3</sup>Acrônimo para: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queers, Intersexos, Assexuais e o “+” representa as demais e múltiplas dissidências sexuais.

<sup>4</sup>O link disponível está aberto apenas para visualização e comentários, por questão de segurança e manutenção do registro inicialmente concebido por mim. No entanto, lhe convido a contribuir com a cartografia e para isso existe a opção de solicitar acesso à edição do material (botão azul no canto superior direito na plataforma Miro).

Para a elaboração da cartografia dos desejos homoafetivos do Recife, apoiei-me no processo de cartografar proposto pela psicanalista Suely Rolnik (2011, p. 24), onde esta cartografia “[...] foi se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos [ou a(fe)tivações] foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles”.

Para tal, não descartei métodos e formas de representação da cartografia tradicional, e sim mescliei diferentes abordagens para poder “ampliar as possibilidades de representar o irrepresentável” (Name; Carrillo, 2019, *online*) cuja profundidade dos mapas não alcança; sendo este o maior desafio. Para tanto, os locais nas citações ou menções nas obras de Silva (2021), Carella (2011) e as minhas experiências na cidade são o que compõem (inicialmente) essa cartografia, tentando ir além da simples marcação de pontos que inevitavelmente acabam desprezando os fenômenos que ali ocorreram/ocorrem.

Apesar da cartografia ser um meio oficial de registro e representação do espaço, o que estou propondo aqui é uma forma de “escrita não categorizada em lugar algum” (Amorim; Oliveira, 2017, p. 1438). A escolha da plataforma digital e a possibilidade de outras pessoas também construírem suas cartografias a partir da minha, incorporando-as, já surge como uma tentativa de romper essa estaticidade.

As próximas páginas trarão um (breve) aprofundamento dos conceitos-chave, no intuito de embasar as experiências com o que se têm produzido academicamente. Por fim, à luz da intersecção entre corpo, desejo e memória e através das expressões trazidas na cartografia, são apresentadas considerações provisórias e as reflexões fruto das análises deste trabalho.

### **Caminhos metodológicos**

A partir do questionamento sobre a cidade hegemônica do Recife e seus discursos, sigo não para encontrar respostas fixas e absolutas, mas para encontrar pistas e deixar rastros sobre qual é o passado e presente oculto da cidade do Recife que pode ser desvelado. Parto então<sup>5</sup> de uma cartografia dos desejos homoafetivos como um caminho de (re)significação da memória dissidente do Recife.

Apoiando-se ainda em instrumentos investigativos tradicionais, o presente trabalho se debruçou na construção do arcabouço teórico a partir de leituras no campo da Arquitetura, Urbanismo e áreas afins em temas que versam sobre, por exemplo: corpo e cidade; memória no espaço urbano; gênero e sexualidade; desejo; mapas e cartografias. Ao fazer o levantamento desses referenciais, um dos primeiros desafios foi realizar a transposição de algumas leituras, termos e ideias

<sup>5</sup>De antemão, trago as visões aqui tratadas como atravessamentos da minha vivência, ciente dos meus privilégios como um homem, branco, cisgênero e gay na sociedade e de como isso direciona e reflete no trabalho que enfoca mais na “letra” G(ay) da comunidade LGBTQIA+.



de áreas afins à Arquitetura e Urbanismo para o cenário de questões urbanas das sexualidades invisibilizadas. Neste subtópico, darei maior enfoque à construção da parte gráfica da cartografia, enquanto o referencial teórico vai se desenvolvendo aos poucos.

Para assimilação dos conteúdos de cada um dos interlocutores na cartografia, foram designadas respectivas cores que acompanham as narrações de cada pessoa: Silva/Diógenes na cor **preta**, Euclides **amarelo** e Carella/Lúcio em **vermelho**. O que motivou a escolha da plataforma digital Miro foram os recursos disponíveis para produção de uma expressão imagética que vai além do que é representado em outras plataformas tradicionais de representação espacial, como o *Google Maps*.

Além disso, a abertura que a plataforma permite para que haja outras contribuições de narrativas, imagens, vídeos, sons e pictogramas colabora com a ideia que a cartografia que apresento se expanda para além das fronteiras que estabeleço. Por trazer um recorte iniciado pelas narrativas dos três interlocutores, concentrado na região central da cidade, tenho ciência que o que trago na cartografia é apenas uma fração das dissidências sexuais que atravessam o Recife. A proposta é que a cartografia se expanda, seus pictogramas e a(fe)tivações sejam cada vez mais moldados por diversas mãos.

O desafio foi, então, o de tornar visível e expressivo os desejos homoafetivos do Recife na forma de representação estática que uma imagem bidimensional traz. O uso dos pictogramas<sup>6</sup> que dão sentido aos fenômenos foram inspirados pelos materiais do *Manual de Mapeo Colectivo* (2013) e *Atlas da Experiência Humana* (2004), além de outras associações imagéticas. A elaboração dos pictogramas levou em consideração a associação imagética do fenômeno (a(fe)tivação) com uma representação que fosse de entendimento mais generalizado.

A partir desses materiais e inspirado a imaginar outras formas de representação das narrativas urbanas dissidentes, de maneira que fosse possível diferenciar também as experiências de cada interlocutor, suas convergências e divergências. a nomenclatura que orienta cada termo tenta se aproximar das a(fe)tivações e/ou espacializações dos fenômenos, como é possível observar na Figura 1.

<sup>6</sup>São os desenhos estilizados que compõem a legenda da cartografia que funcionam como um signo do texto/ideia que o acompanha.

**Figura 1** - Legenda da Cartografia dos desejos homoafetivos do Recife-PE.

Fonte: Autoral (2022)



Embora os pictogramas tragam representações que podem ser consideradas hegemônicas, trago aqui uma observação minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Flavia Araújo, de que operamos na hegemonia - com as ferramentas hegemônicas - e que devemos usá-las para que possamos subvertê-las. A ideia de apresentar e resumir as apreensões das narrativas foi um dos desafios encontrados e uma forma de superá-lo foi justamente aplicando-o na marginalidade dos fenômenos sexuais dissidentes.

## DESENVOLVIMENTO

Ao percorrer o território recifense e suas fronteiras geográficas, é possível inferir que não são os limites físicos dos bairros nos mapas oficiais que definem as fronteiras subjetivas aos quais é possível (re)imaginar as cidades. Para Barros (2004, p. 63)

Os limites administrativos e limites subjetivos devem coexistir. Não coincidem, na maioria das vezes, porém, faz-se necessário que existam, caso contrário essa escala urbana não existiria de fato. Os (limites) subjetivos se fazem necessários, visto que (o módulo social é aí definido) é a partir de sua definição coletiva que a base social se instaura, as reivindicações tomam corpo e o suporte físico o faz único.

As a(fe)tivações e os fenômenos que são apresentados na cartografia eles não estão estáticos a esses limites administrativos e geográficos.



Os corpos dissidentes borram as fronteiras, percorrem e atravessam a cidade por caminhos considerados *desviados*. A composição desses itinerários vai se amarrando às apreensões das narrativas.

Para o antropólogo argentino Nestor Perlongher, “conforme delimitam-se com mais clareza seus contornos geográficos, a identidade gay assume contornos cada vez mais totalizantes” (Perlongher, 1987, p. 81). Transportando para os dias atuais, para além da “identidade gay”<sup>7</sup> outras formas de dissidências sexuais e de gênero também moldam os espaços.

Na construção de uma morfologia da cidade, podemos dizer que o Recife, assim como outras cidades, se trata de um espaço de montagem, sendo a uma cidade atravessada por simbologias “[...] que transitam entre os aspectos históricos, geográficos e psíquicos; a cidade como um organismo aberto a modificações e constituído pelas complexidades de cada grupo, época ou lugar” (Amorim; Oliveira, 2017, p. 1434).

A ocupação da cidade por pessoas da comunidade LGBTQIA+ nem sempre é garantida de segurança e uso pleno dos espaços. Por vezes usufruídos em determinados horários e/ou com dinâmicas particulares, a construção desses locais foram (em geral) construídos na marginalidade e correm o risco de cair no esquecimento se não houver um resgate/valorização da memória LGBTQIA+ que cada cidade tem. Importante destacar, também, que a presença de marcadores sociais como gênero, classe e raça tem relação direta com a ocupação e o tipo de usos que se fazem do espaço.

### O corpo e a cidade

A arquiteta e urbanista Paola Berenstein Jacques, aponta que “a cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo, em sua corporalidade, o que passamos a chamar de *corpografia* urbana”<sup>8</sup> (Jacques, 2008, *online*). Não havendo então dissociação do corpo-sujeito para o corpo-urbano (cidade), as múltiplas apreensões desses e nesses corpos permitem com que seja possível uma outra vivência da cidade (Jacques, 2008, *online*), ao passo que

(...) a cidade é “investida” por uma ordem dupla de “desejos” desejamos a cidade como “seio”, como “mãe” e, em simultâneo, como “máquina”, como “instrumento”; queremos-la “éthos”, no sentido original de morada e residência e, ao mesmo tempo queremos-la um meio complexo de funções; pedimo-las segurança e “paz” e, concomitantemente, pretendemos dela grandes eficiência, eficácia e mobilidade. A cidade vive sujeita a questões contra-

<sup>6</sup>Perlongher traz sua abordagem de identidade associando-a às questões sexuais.

<sup>8</sup>A *corpografia* é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí *corpografia*) [...] Uma *corpografia* urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta” (Jacques, 2008, *online*). Por cartografia, a arquiteta identifica que “[...] uma cartografia urbana descreve um mapa da cidade construída e assim muitas vezes já apropriada e modificada por seus usuários” (Jacques, 2008, *online*).

ditórias. Querer ultrapassar esta contraditoriedade é má utopia. É necessário, ao invés, dar-lhe forma. A cidade, na sua história, é a perene experiência de dar forma à contradição, ao conflito.” (Cacciari, 2010, p. 7)

As contradições às quais a cidade vive oferecem “diferentes experiências urbanas [que] podem ser inscritas em um corpo, o que pode resultar em diferentes *corpografias*. Essas *corpografias* podem ser cartografadas, mapeadas, representadas ou ilustradas” (Jacques, 2008, *online*). É justamente nessa possibilidade de cartografar esses corpos e por enxergar também a potência disso para a experiência urbana que trouxe os conceitos da arquiteta para o TFG e o artigo.

A conexão dos corpos dissidentes no espaço público provoca rupturas na dinâmica social e o próprio ato de ocupar os espaços por si só já se configura como uma transgressão e subversão desse espaço hegemonicamente ocupado. Sendo o corpo o primeiro lugar do indivíduo, um símbolo pessoal e social de identidade<sup>9</sup> (Cortés, 2008, p. 136), através dele é possível inferir uma análise social no contexto urbano e suas (in)visibilidades.

A invisibilidade e estigmatização de corpos dissidentes não é algo que ficou no passado, infelizmente. Tavares e Bonadio (2021), à luz de Butler (2018), apontam que

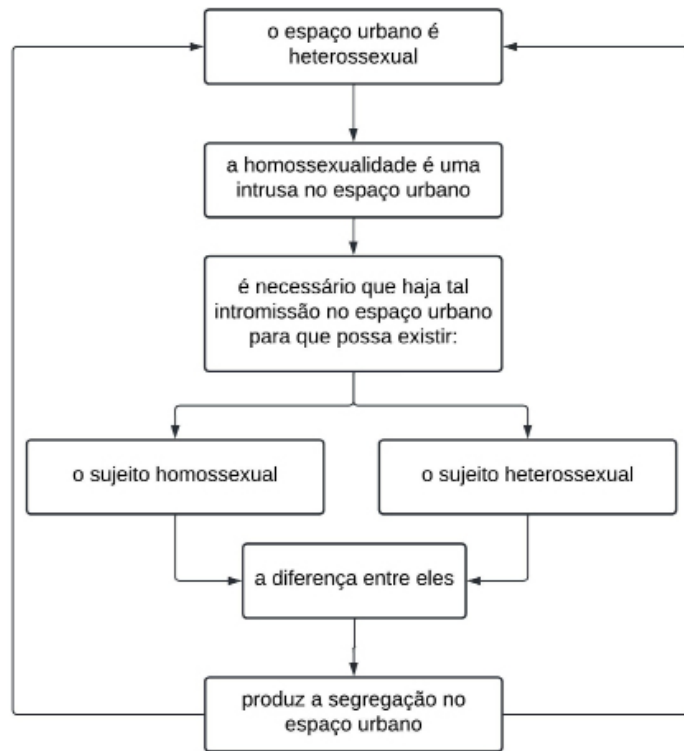
[...] ainda que toda vida seja precária em sua constituição, nem todas estão suscetíveis à mesma precariedade: alguns corpos são tornados abjetos e descartáveis pelos regimes de regulação de inteligibilidade de existências que diferenciam aqueles que serão considerados mais ou menos humanos (Lugones, 2014, p. 943) [...] É preciso dizer: vidas feminizadas, vidas racializadas negras e não brancas/ocidentalizadas, vidas não heteronormativas, vidas queer etc. estarão corporalmente marcadas em sua exposição à precarização, estimadas como menos humanas na balança dos corpos que importam para a vida social (Tavares; Bonadio, 2021, p. 9).

Em mais uma forma de representar que uma das características do espaço público é, além de ser um espaço heterossexual, um espaço masculino, trago o diagrama abaixo (Figura 2).

<sup>9</sup>Cortés (2008, p. 136) ao trazer o termo identidade aponta que “os indivíduos não nascem como seres humanos totalmente acabados [...] Consequentemente, as pessoas não são um produto definido por imperativos biológicos, tampouco são o simples resultado das relações sociais. Existe um âmbito psíquico, com suas próprias normas e história, no qual as possibilidades biológicas do organismo adquirem seu significado. Por isso, o que denominamos identidade é um ganho sempre precário, que se vê constantemente solapado pelos desejos reprimidos que constituem o inconsciente”.



**Figura 2** - Diagrama da produção do espaço urbano e suas relações com as sexualidades. **Fonte:** Autorial (2022) a partir de Almeida (2019, p. 108)



A guerra de poderes travada com a homossexualidade (masculina) é, a todo momento, posta em prática no espaço público, onde, nessa oposição de forças, a expressão da homossexualidade é sempre sexualizadora, em maior ou menor grau (Almeida, 2019, p. 111). E é nessa evidência de concentração da produção do espaço urbano pelo homem que a cidade se inscreve e invisibiliza outras pautas e outras vidas.

### Memórias homoafetivas no Recife

A invisibilização da população LGBTQIA+ pode ser percebida no processo constitutivo dos espaços urbanos, assim como ao analisarmos a história das cidades e como elas são contadas; carentes de representação e de memória nos espaços públicos para quem não se adequa à norma oficial.

Dessa forma, trago o conceito de memória a partir da análise do historiador e doutor em Sociologia Sérgio Souza (2011, p. 8), sendo ela o “conjunto de signos e símbolos compartilhados pelos grupos sociais, referências criadas ao longo do tempo e estabelecidas em determinados espaços, sendo estes últimos concebidos tanto em suas dimensões físicas quanto simbólicas [...]”. Suas dimensões físicas se materializam no espaço e nele (re)produzem esses signos e símbolos, pois

[...] É sobre o espaço, sobre o nosso espaço aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual [nem] sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (Halbwachs, 1990, p. 143).

A memória é dispositivo capaz de captar a (re)construção de trajetórias, ao que me interessa a de quem foi invisibilizado pela história oficial, onde assume-se então uma dupla postura: a “da resistência às tentativas dos grupos hegemônicos de destruição do outro e uma possibilidade de afirmação identitária dos ‘de baixo’” (Bosi, 1994, p. 452).

Do feito que a historiografia oficial reproduz a história dos “vencedores”, cujo reconhecimento se dá também nos monumentos da cidade, de “referência única ao que se ensina nas escolas, se mostra aos turistas, se celebra nos feriados nacionais” (Paoli, 1992, p. 1-2). O silenciamento e apagamento de outras narrativas reforça essa história que é reproduzida enquanto outras presenças, quando aparecem, são medidas e julgadas (Paoli, 1992, p. 1-2).

Trago então a história por trás da Travessa de São Pedro, localizada no bairro de Santo Antônio, que é popularmente conhecida como Beco do Veado Branco (Figura 3), ou apenas Beco do Veado. O nome do local veio da peça metálica branca de um veado instalada no cruzamento do beco com a Rua Direita, onde neste trecho existe um comércio de amoladores de tesouras e alicates de unhas.

**Figura 3** - Peça metálica que nomeia o Beco do Veado Branco no Recife. Fonte: (Esq.) Travessa de São Pedro / Beco do Veado Branco (1940)<sup>[1]</sup>. (Dir.) Fonte: Autoral (2022)  
 Legenda: Imagem à esquerda - detalhe da peça metálica no formato de um veado na década de 1940; Imagem à direita - mesma peça metálica em 2022.



<sup>[1]</sup>Travessa de São Pedro / Beco do Veado Branco (1940). Recife: Villa Digital Fundaj, 1940. Fotografia. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/travessa-de-são-pedro-beco-do-veado-brancobenicio-dias-villa-digital-fundaj1940m/2153058814834657/>. Acesso em: 25 maio 2022.



O documentário *Guia Prático, Histórico e Sentimental da cidade do Recife* (2008), livre adaptação do livro homônimo de Gilberto Freyre, mostra uma visão afetiva do Recife por seus moradores e entre as histórias contadas o Beco do Veado aparece. Citam um antigo morador do local, o costureiro Amaro e na recordação da infância do entrevistado disse que “hoje ele é homossexual mas na época era viado” (Guia Prático, 2008, 23min 18s). Inserido no imaginário popular, existe no senso comum a adoção de um tom jocoso ao relacionar a figura do animal<sup>10</sup> com a homossexualidade. Ainda que haja a associação em tom pejorativo, o nome oficial do beco é preterido ao nome popular e a peça metálica com o veado pintado de branco representa um ponto de referência no cotidiano do centro da cidade, demonstrando como marcas (quase) imperceptíveis na paisagem têm força para identificar um lugar.

Os outros espaços públicos traçados na cartografia, as pontes, ruas, becos, avenidas, praças, entre outros, contradizem o que o historiador francês Pierre Nora intitulou de “lugares de memória” (Souza, 2011, p. 6). Por esse termo, o autor traz que tais lugares foram “erigidos para concentrar o discurso hegemônico de forma absoluta, abolindo as diferenças e sem a necessidade de estabelecer referências na realidade [...]” (Souza, 2011, p. 6). Esses lugares

[...] são eles mesmos seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou histórica; ao contrário. O que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. Templum: recorte no indeterminado do profano - espaço ou tempo, espaço e tempo - de um círculo no interior do qual tudo simboliza, tudo significa. Neste sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (Nora, 1993, p. 27).

O trabalho com as literaturas de Carella (2011) e Silva (2021) suscitam uma “possibilidade de reconstrução dos canais de expressão da memória das populações, contribuindo para superar a violência das ações dos grupos hegemônicos” (Souza, 2011, p. 5) e a absolutez dos lugares de memória normativos. Apresentam-se nas narrativas dissidentes da cartografia outras histórias da cidade do Recife, experiências antes (e para alguns até hoje) consideradas proibidas e/ou vergonhosas, mantidas sob a égide da moralidade.

Entre as histórias narradas nas literaturas, surgem a minha experiência e memória pessoal, uma auto-narrativa que sincroniza com as literaturas e nelas encontram-se interseções cujas proximidades e

<sup>10</sup>Entre as possíveis origens dessa associação, a doutora em linguística Stela Danna aponta as palavras “desviado” (de uma normalidade) e “transviado”, usadas no período da ditadura militar (Testoni, 2019, online). Ela complementa que a referência ao filme *Bambi*, de 1942, também pode estar nesse imaginário por “além de ter características ainda vistas como sinais de fragilidade e muitas vezes associadas ao feminino, os veados, durante o período de reprodução e sem poderem contar com uma fêmea, acabam depositando o esperma em outros veados” (Testoni, 2019, online).

distanciamentos no espaço-tempo criam em mim novos sentidos e significados. Aposto então na existência dessas memórias coletivas que, mesmo heterogêneas, conectam-se a referências do grupo social LGBTQIA+ na cidade do Recife, ainda que destituídas de registro com a história dominante.

Ao estarmos imersos na sociedade, Bosi (1994) indica que a memória do indivíduo estaria amarrada a memória do grupo. E sendo a memória uma construção social, distinguir a memória do indivíduo do coletivo ao qual pertence - através do que a doutora em linguística Jane Guimarães Silva (2010, p. 616) aponta como “imbricamento de vozes sociais” - é a difícil tarefa do narrador de “gerenciar as múltiplas vozes que intermediam o escrever sobre si” (Teixeira, 2013, p. 2).

Assumo esse papel de narrador, ciente que a memória dos corpos dissidentes é um fator importante para formação de espaços mais inclusivos, ao passo que os espaços eles atraem/repelem, abrigam/refugiam e (des)estimulam a (con)vivência. (Não só) Em Recife, a “sexualidade dissidente produz significados, interpelações, memórias e territórios físicos e subjetivos” (Teixeira, 2013, p. 3).

### **(Ar)recife<sup>11</sup> de desejos**

Na busca por definições que estabelecesse a visão pretendida para a monografia, a que mais se assimilou foi a trazida pela psicanalista Suely Rolnik e o filósofo francês Félix Guattari, no livro *Micropolítica: cartografias do desejo* (1996). A autora e o autor denominaram desejo como “[...] todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outras percepções de mundo, outros sistemas de valores” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 215-216).

O desejo vai além do considerado “[...] secreto ou vergonhoso como toda a psicologia e moral dominantes pretendem” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 215). Ambos tecem críticas aos modos pragmáticos de análise do desejo, que o identificam como “algo da ordem do instinto animal, ou de uma pulsão funcionando segundo modos semióticos totalmente heterogêneos em relação aos de uma prática social” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 216). Consideram ainda que “o desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo” (Rolnik; Guattari, 1996, p. 216) e por isso não deve ser posto em quadros reguladores.

Apesar disso, não deixemos de considerar também, na psicologia e psicanálise, que o desejo pode ser também a libido, a excitação, a vontade; sem ,todavia deixar, de observar que

<sup>11</sup>O nome da cidade provém de “arrecife”, grande barreira rochosa de arenito que se estende por sua costa (Cavalcanti, 2013, p. 10).



a questão consiste em saber se não há uma outra maneira de ver e praticar as coisas, se não há meios de fabricar outras realidades, outros referenciais, que não tenham essa posição castradora em relação ao desejo, a qual lhe atribui toda uma aura de vergonha, toda essa espécie de clima de culpabilização que faz com o desejo só possa se insinuar, se infiltrar secretamente, sempre vívido na clandestinidade, na impotência e na repressão (Rolnik; Guattari, 1996, p. 216).

É no convívio no espaço urbano que nossos entendimentos sobre sexualidades são desenvolvidos e desempenhados, pelo menos é esse o entendimento do arquiteto e urbanista Marcelo Teixeira (2013) ao qual compartilho da mesma afirmação. Recife, assim como outras cidades, é palco onde os preconceitos são praticados e/ou enfrentados, onde os desejos são permitidos, configurados ou reprimidos e onde as sexualidades são policiadas, expostas, comercializadas e manipuladas (Teixeira, 2013, p. 30).

Consideramos assim, que a sexualidade pode ser uma “formação espacial”, visto que os “corpos são sexualizados à medida que se estendem no espaço” (Ahmed, 2006, p. 99, tradução minha). Os guetos<sup>12</sup> LGBTQIA+ do Recife são frutos das “memórias construídas espacialmente pela experiência das próprias cismas em relação ao espaço heterossexualizado circundante” (Teixeira, 2013, p. 3).

A guetificação dos espaços ocupados por pessoas LGBTQIA+ também se encontra dentro do “confronto entre a cidade noturna e a diurna, indicando que a geografia moral teria temporalidades específicas dotadas de significados distintos” (Teixeira, 2013, p. 39). Enquanto a noite oferece os “espaços escuros dos meretrícios e da imoralidade [...] o dia os espaços salutar e moralizadores da família e do trabalho” (Teixeira, 2013, p. 39). Essa dualidade também aparece no livro-diário *Orgia* (2011) de Carella, “onde aqueles que têm certa perícia em prostibular vão à zona do porto, no Recife ‘Antigo’, onde abundam as rameiras quando a noite avança” (Carella, 2011, p. 101).

Tal trecho confirma a visão do próprio autor com relação à dicotomia entre as áreas da cidade do Recife e seus usos, que reproduzem e deixam rastros de desejos nos territórios, ao relatar em seu diário

QUINTA-FEIRA – King-Kong me leva ao porto [bairro do Recife “Antigo”], onde a vida tem uma intensidade sombria, muito mais variada do que a do centro. Na realidade, poderia dizer-se que a cidade está dividida em duas partes: a hetero [sic] e a homossexual, o porto [Recife “Antigo”] e o centro [bairros de São José e Santo Antônio]. Mos-

<sup>12</sup> “[...] o gueto revela-se como um dispositivo sócio-organizador composto de quatro elementos (estigma, limite, confinamento espacial e encapsulamento institucional) que emprega o espaço para reconciliar seus dois propósitos contraditórios: exploração econômica e ostracismo social” (Wacquant, 2004, p. 155).

<sup>13</sup>“Entendidos”, “bibas”, “bichas”, “invertidos”, “efeminados”, “maricas” e “bofes” = Termos êmicos que se referem à homossexualidade, sendo que “entendido” se aproxima mais da ideia de gay “masculino”, viril e “bem-resolvido”, enquanto os termos “efeminados/afeminados”, “biba”, “marica” e “bicha” enfatizam a efeminação e são mais pejorativos. Curiosamente, este último, junto com “viado”, se mantém-se no léxico das ruas, enquanto o termo “entendido” e “invertido” é cada vez mais raro de ser ouvido. 155).

<sup>14</sup>Existe uma linha tênue na definição do que é possível ser revelado, tendo em vista que muitas das relações e demonstrações de afeto e desejo entre corpos dissidentes recaem sobre o anonimato e assim o devem permanecer. Paradoxalmente, a visibilidade do anonimato das relações homoafetivas também deixa suas marcas na cidade do Recife.

os locais mais afamados onde se dança e joga. Também há um bairro de efeminados<sup>13</sup>, perto da ponte giratória, como em Paris. Ele nunca esteve em Paris, mas conhece os costumes sexuais de todo mundo (Carella, 2011, p. 115).

A fronteira das sexualidades e privacidade são então tensionadas nesse recorte dia x noite, público x privado, onde, à (meia) luz dos espaços públicos “há um falso entendimento de que a sexualidade diz respeito ao privado, este que naturaliza os gêneros e as sexualidades consideradas normais: na arquitetura, na publicidade, no planejamento de uma cidade, nos códigos de acesso aos lugares” (Almeida, 2019, p. 69). Fica aqui “um parênteses”, que apesar deste trabalho se ater às relações da tríade no espaço público, não há a intenção de extinguir o espaço privado deste processo, mas sim dar maior enfoque às dinâmicas em locais públicos ou de acesso público.

Dessa maneira, é comum que os espaços aos quais esse trabalho se debruça sejam lidos como “espaços invisíveis, efêmeros e não documentados<sup>14</sup>” (Teixeira, 2013, p. 49), mesmo que estejam inseridos no cotidiano da sociedade. A invisibilidade se dá por meios subjetivos de leitura de espaço entre quem encontra-se fora da norma, enquanto a efemeridade de, por exemplo, encontros casuais e espontâneos, havendo um local com “disponibilidade de corpos, anonimato, impessoalidade, permeabilidade (fácil acesso e fuga), escuridão” (Teixeira, 2013, p. 48).

Em Três Rapazes e um Quarto (2021) o escritor pernambucano Biu da Silva, assim como Túlio Carella, explorou as territorialidades onde a homoafetividade era desejada e “permitida” no Recife. A consolidação de alguns locais como polos/nichos ou guetos LGBTQIA+ partiram desses usos de outrora que marcaram bairros, praças, avenidas, ruas e becos. É o caso da área compreendida pelos empreendimentos noturnos Meu Kaso Bar (MKB), Nosso Jeito Bar e Confraria dos Ursos, retratados por Silva (2021), no bairro da Boa Vista. A vida noturna ela se desprendia dos estabelecimentos e também impregnava seus entornos, criando uma vida e outras formas de nomenclaturas dos espaços a partir de quem o frequenta, como relata Silva (2021)

Enquanto esperávamos, eu observava o vai-vém intenso em frente à boate [MKB] repleta de barracas de lanches e bebidas espalhadas em torno da pracinha próxima à entrada da casa noturna, na confluência da rua do Riachuelo com a rua Corredor do Bispo, agora chamada pela comunidade gay de “Corredor da Bicha”. A denominação surgiu pela quantidade de rapazes alegres em circulação por ela, vindos da avenida Conde da Boa Vista tanto para ir ao



MKB, quanto ao Nosso Jeito Bar, à Confraria dos Ursos, à Sauna 111 ou ao Cine Boa Vista, um cinema de pegação (Silva, 2021, p. 14).

<sup>15</sup>Prática de procura por parceiros sexuais, em geral, anônimos e rápidos, em espaços públicos e/ou de acesso público como praças, parques, becos, portos e banheiros.

Na cartografia é possível observar nos locais citados pelos interlocutores, a comum prática de “pegação”<sup>15</sup>, ao qual quem passa despercebido não nota os sinais e signos distintos que são característicos de seus praticantes. Desta forma, inventam-se outros meios de circular nos espaços públicos, inscrevendo na cidade todas as significações e signos possíveis (Paoli, 1992, p. 2).

No caso do bairro da Boa Vista, que concentra nos dias atuais a maioria dos empreendimentos (noturnos) voltados ao público LGBTQIA+, houve interseções entre os lugares que aparecem no meu itinerário e no de Diógenes, personagem principal de Três Rapazes e um Quarto (2021); o shopping Boa Vista é um deles. Apelidado de shopping “Boa Bicha”, pela adesão do público LGBTQIA+ ao uso não só das lojas e praça de alimentação, mas também dos banheiros para a prática conhecida como “banheirão”<sup>16</sup>.

<sup>16</sup>Prática de masturbação ou sexo entre homens em banheiros públicos, como os de parques, praças, estações de metrô, rodoviárias, shoppings etc.

O bar Deserto, frequentado por Lúcio Ginarte, é outro espaço muito mencionado na obra de Carella devido ao uso do mictório como “[...] uma espécie de quarto de encontros” (Carella, 2011, p. 185). Ao passo que é considerado um espaço reservado para as necessidades fisiológicas apenas, os banheiros masculinos também são caracterizados por o que pode ser considerado uma arquitetura falocêntrica, visto que o pênis é ostentado no mictório, publicamente.

Por conta disso, até hoje o banheirão é uma prática comum, não exclusiva nem década de 1960 e nem apenas do bar Deserto. Silva (2021) também relata a prática em outros locais como a Sede dos Correios do Recife, os banheiros do Mercado de São José, os das proximidades do Pátio de São Pedro e de shoppings como sendo parte dessa “peregrinação erótica” (Silva, 2021, p. 146) pelo Recife.

Já nos encontros nas ruas, becos e vielas, outra prática era (comumente) enunciada por Carella, a franela, que “[...] são as carícias e os jogos amorosos cuja única finalidade é excitar-se, sem passar ao ato sexual” (Carella, 2011, p. 83). O argentino via que tal prática era “dificilmente considerada aqui como um ato ofensivo, ao contrário, agradece-se o desejo alheio, mesmo que sem intenção de satisfazê-lo: é uma espécie de homenagem, que recebem agradecidos” (Carella, 2011, p. 230-231).

As memórias, corpos, desejos, atos e práticas aqui mencionados ainda assim não traduzem a totalidade de experiências dissidentes na cidade. Os percursos que envolvem os interlocutores demonstram que

“aqui [no Recife] se encontra sem véus o rosto gracioso e, ao mesmo tempo, austero do desejo, do cego instinto sexual; tudo é força erótica, contato corporal, Vênus deitada, Urano nas esquinas” (Carella, 2011, p. 89). A transição temporal entre eles pouco mudou os ares de desejo da capital pernambucana, ao passo que a realidade do Recife, e de tantas outras cidades, é a de “[...] desejo que não pode concretizar-se entre quatro paredes, mas num lugar escuro, num portal afastado, nem sempre cômodo nem solitário” (Carella, 2011, p. 230).

Tanto Tulio Carella (2011) como Biu da Silva (2021) utilizam da escrita para traçar suas próprias cartografias dissidentes. O tom confessional de Carella inspirou Silva a também seguir por esse caminho, em outra época, mas perpassando ainda pelos mesmos desejos. Dessa relação podemos inferir que é “[...] com o hábito de escrever os espaços que entenderemos tais escritores como cartógrafos de seus tempos” (Amorim; Oliveira, 2017, p. 1433).

Nessa construção dos nós não cartografados no mapa urbano oficial da cidade do Recife, a cartografia dos desejos homoafetivos surge como um meio de representação, destacando a transitoriedade e os movimentos desviados na cidade. Produzindo assim “fissuras que acabariam por moldar mapas subversivos para os corpos dissidentes, imersos em uma cartografia inserida e invisível para a cidade normativa” (Chauncey, 1994, p. 23 apud Teixeira, 2013, p. 52, tradução do autor).

## CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Entre as muitas atribuições na construção do TFG - e consequentemente neste artigo - assumi também a de cartógrafo para “dar língua para afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2011, p. 23). Foram nas narrativas urbanas dissidentes atravessadas pelas minhas vivências e mergulhado na intensidade do meu tempo que pude conceber uma composição de cartografia possível.

Não existindo cartografia sem território (Rolnik, 2011, p. 46), o que busquei é a produção das a(fe)tivações no território recifense, em sua escala material, semiótica e social (Rolnik, 2011, p. 46). Neste caso, “[...] a cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações: ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra — aqui, movimentos do desejo —, que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente (Rolnik, 2011, p. 62)”.

Temos na cartografia um dispositivo possível de aproximação de nossas cidades, de reconhecimento das nossas próprias complexidades refletidas nos lugares onde habitamos e transitamos. Por isso, a con-



dução deste tema em direção aos aportes da cartografia, foi também atravessado pelas memórias, corpos, desejos e sexualidades na ocupação dos espaços públicos ao longo do tempo estabelecido.

A cartografia demonstrou que os corpos dissidentes “constroem espaços reinventados para se expressarem em meio aos espaços demarcados sob os signos de exclusividade de uso pelos grupos hegemônicos” (Souza, 2011, p. 10). Mais de 50 anos separam os caminhos percorridos por Carella, Silva e os meus, mas Recife continua o mesmo; transborda-se desejos pelas margens do rio Capibaribe e nos becos estreitos da Boa Vista e centro da cidade. “Nos botecos, nas calçadas apinhadas de camelôs, nos parques, no cais [...] e nos banheiros públicos, sempre havia maricas e bofes sedentos por uma cópula rápida. Mudaram os personagens, mas o fregue era o de sempre” (Silva, 2021, 149).

O processo de construção da cartografia foi fundamental para explicitar as histórias que são narradas pelos interlocutores e que - particularmente - me atravessam. Isso tudo voltado à noção de território e pertencimento, que são muito caras à comunidade LGBTQIA+. Ao que antes era relegada à marginalidade, torna-se possível, nas histórias homoafetivas que foram reveladas, demonstrar como as dissidências podem compor outras perspectivas de futuro rumo a cidades mais justas (no dissenso).

Além disso, valorização da memória LGBTQIA+ na cidade do Recife passa diretamente pelo reconhecimento de uma vida urbana que não seja só a marcada pelas violências e sim pelos desejos, onde gênero, raça, sexo e corpo são “[...] importantes dispositivos de análise urbana e social, pois inserem marcadores de diferenças, ou seja, expõe que esses sujeitos experimentam o espaço de modos diferentes” (Pagnan, 2020, p. 221-222).

Aos espaços aqui tratados foram atribuídos alguns significados pelos corpos dissidentes no contexto da produção de fronteiras, aproximações e sentimentos de pertencimento relacionados a esses lugares. Paola Jacques já apontava que “são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são [as] experiências do espaço pelos habitantes [...] que reinventam esses espaços no seu cotidiano” (Jacques, 2008, *online*). Isso para mim é mais valioso do que dar conta de todos os possíveis itinerários desejantes da cidade.

Enxergo ,ainda, que as tensões provocadas pelo meu trabalho contribuem para a crítica aos entendimentos hegemônicos sobre o espaço urbano. Algo que fica como uma *fissura* são as distintas formas de se observar as dinâmicas da cidade e que como isso influencia na

historicidade que é contada e vivenciada no cotidiano por corpos dissidentes. Por fim, ratifico que os conjuntos de lugares aqui retratados não correspondem à totalidade dos espaços de desejo e sociabilidades LGBTQIA+ na cidade, ficando ainda em aberto um amplo campo de investigação, debates e contribuições que possa ser feita de forma mais aberta e coletiva.

## REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Queer Phenomenology**: orientations, objects, others. Durham: Duke University Press, 2006. 235 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/3700260/8d7de8>. Acesso em: 05 jul. 2022.

ALMEIDA, Vinicius Santos. **Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo**. 2020. 273 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04032020-154531/pt-br.php#:~:text=Proposta%20de%20cartografia%20queer%20a,violência%20aos%20corpos%20dissidentes...&text=Propomos%20aqui%20um%20olhar%20a,na%20heterossexualidade%20e%20na%20cisgeneridade>. Acesso em: 5 abr. 2022.

AMORIM, Rafael; OLIVEIRA, Dinah de. A escrita afetiva como método de cartografia do território urbano, *In*: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 1431-1447. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro\\_\\_\\_\\_AMORIM\\_Rafael\\_\\_OLIVEIRA\\_Dinah\\_de.pdf](http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro____AMORIM_Rafael__OLIVEIRA_Dinah_de.pdf). Acesso em: 4 maio 2022.

BARROS, Sandra Augusta Leão. A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de apipucos e poço da panela no recife. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fausp**, [s.l.], n. 15, p. 56, 1 jun. 2004. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i15p56-74>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43372/46994>. Acesso em: 05 jul. 2022.

ABENETTI, Fernando José. **A Bicha Louca está Fervendo**: uma reflexão sobre a emergência da teoria queer no brasil (1980 - 2013). 2013. 175 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/37164101/A\\_Bicha\\_Louca\\_está\\_Fervendo\\_uma\\_reflexão\\_sobre\\_a\\_emergência\\_da\\_Teoria\\_Queer\\_no\\_Brasil\\_1980\\_2013\\_](https://www.academia.edu/37164101/A_Bicha_Louca_está_Fervendo_uma_reflexão_sobre_a_emergência_da_Teoria_Queer_no_Brasil_1980_2013_). Acesso em: 05 jul. 2022.



BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 13 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 246 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/16813102/5ece6c>. Acesso em: 04 maio 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 172 p. Disponível em: <https://bit.ly/3lB7FVM>. Acesso em: 23 maio 2022.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York and London: Routledge, 1990. Edição Brasileira: Problemas de Gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/butler-problemas-do-gecc82nero.pdf>. Acesso em: 8 jul 2022.

CACCIARI, Massimo. **A cidade**. São Paulo: Editora GG, 2010. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3882931/mod\\_resource/content/1/CACCIARI%2C%20M.%20A%20Cidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3882931/mod_resource/content/1/CACCIARI%2C%20M.%20A%20Cidade.pdf). Acesso em: 8 jul. 2022.

CARELLA, Tulio. **Orgia**: Os Diários de Tulio Carella, Recife, 1960. Trad. Hermilo Borba Filho. Introdução e notas: Alvaro Machado. São Paulo: Opera Prima, 2011.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros**. 6. ed. Camaragibe: CCS Gráfica e Editora, 2013. 400 p.

CORTÉS, José Miguel G. **Políticas do espaço**: arquitetura, gênero e controle social. 10. ed. São Paulo: Senac, 2008. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/5v81ns0>. Acesso em: 05 maio 2022.

FONSECA, C. F. da; BRITTO, P. D. Políticas de subjetivação e cartografias: liminaridades entre o real e o hiper real na cidade contemporânea. **VIRUS**, São Carlos, n. 8, dezembro 2012. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus08/?sec=4&item=5&lang=pt>. Acesso em: 21 Jul. 2022.

GUIA Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife. Direção de Leo Falcão. Roteiro: Leo Falcão; Fernando Weller. Recife: Ruptura Cinematográfica e Caradecão Filmes, 2008. (70 min.), son., color. Disponível em: <http://cinematecapernambucana.com.br/filme/?id=3306>. Acesso em: 4 maio 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990. 189 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod\\_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf). Acesso em: 05 jul. 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, 2008, ISSN: 1809-6298. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 03 jul. 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 22, n. 3, p. 935-952, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2014000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqz-b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2022.

NAME, Leo; CARRILLO, Oswaldo Francisco Freitez. Cartografias alternativas decoloniais: Gênero, sexualidades e espaços em uma universidade em área transfronteiriça. **Arquitextos**, São Paulo, ano 20, ed. 230.02, 2019, ISSN: 1809-6298. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.230/7478>. Acesso em: 6 abr. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul. 1993. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 04 maio 2022.

PAGNAN, Redson. Cartografias dissídenes: corpo, sexo, gênero e discurso como dispositivos de mapeamentos de resistências e categorias de análise sociais urbanas. **Diálogos Pertinentes**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 214-230, 30 dez. 2020. Cruzeiro do Sul Educacional. <http://dx.doi.org/10.26843/dp.v16i2.3652>. Disponível em: <https://publicacoes.uni-fran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3652>. Acesso em: 27 out. 2021.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. *In*: O DIREITO à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28. Disponível em: <http://gpaf.info/dtd/ArqPerm/MCPaoli.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: A prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Perseu Abramo, 1987. 81 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/3516?show=full>. Acesso em: 05 maio 2022.

RISLER, Julia; ARES, Pablo. **Manual de mapeo colectivo**: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013. 84 p. Disponível em: [https://geoactivismo.org/wp-content/uploads/2015/11/Manual\\_de\\_mapeo\\_2013.pdf](https://geoactivismo.org/wp-content/uploads/2015/11/Manual_de_mapeo_2013.pdf). Acesso em: 8 jul. 2022.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011. 247 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/5637881/d59da8>. Acesso em: 1 dez. 2021.

ROLNIK, Suely. GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 324 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/18260525/29df4f>. Acesso em: 1 dez. 2021.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. **Perspectiva**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 601-624, 14 jul. 2010. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795x.2010v-28n2p601>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pers>



pectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p601/18450. Acesso em: 04 maio 2022.

SOUZA, Sérgio Luiz de. Outras memórias, outras histórias: da invisibilidade social à multiplicidade do vivido. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVI., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: [s. n.], 2011. p. 1-12. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874730\\_ARQUIVO\\_TEXTOANPUH2011-OUTRASHISTORIASOUTRASMEMORIAS.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874730_ARQUIVO_TEXTOANPUH2011-OUTRASHISTORIASOUTRASMEMORIAS.pdf). Acesso em: 12 abr. 2022.

TAVARES, R. B., BONADIO, M. G. Ao encontro do corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre espaço urbano. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**. v. 23, E202115, 2021. DOI 10.22296/2317-1529.rbeur.202115. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/RWGWbyGyBVCdNs4pXh7YYVw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2022.

TEIXEIRA, Marcelo A. de A. **Presença Incômoda**: corpos dissidentes na cidade modernista. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14372>. Acesso em: 1 dez. 2021.

TESTONI, Marcelo. **Sapatão, bicha, viado**: possíveis motivos para chamarem LGBTs assim. 2019. Colaboração para Universa Uol. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/24/sapatao-bicha-viado-os-motivos-possiveis-para-chamarem-lgbts-assisim.htm>. Acesso em: 04 maio 2022.

VAN SWAAIJ, Louise; KLARE, Jean. **Atlas da Experiência Humana**. São Paulo: Publifolha, 2004. 96 p.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, [S.L.], n. 23, p. 155-164, nov. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-44782004000200014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rso-cp/a/RLVYZrzFXcfYpvmGn8r76zK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 maio 2022.